

## A gestão da diferença em cidades médias brasileiras sob fragmentação socioespacial: Maringá e Ribeirão Preto \*

## La gestión de la diferencia en ciudades intermedias brasileñas bajo fragmentación socioespacial: Maringá y Ribeirão Preto

## The management of difference in Brazilian medium cities under socio-spatial fragmentation: Maringá and Ribeirão Preto

---

MARIA ENCARNAÇÃO BELTRÃO SPOSITO

Graduada e Mestre em Geografia; Doutora em Geografia Humana

Professora titular do Departamento de Geografia

Universidade Estadual Paulista (Unesp), Campus de Presidente Prudente, Brasil

[beltrao.sposito@unesp.br](mailto:beltrao.sposito@unesp.br)

ORCID: [0000-0002-0421-7253](https://orcid.org/0000-0002-0421-7253)

Recibido/Received: 30-09-2024; Aceptado/Accepted: 04-03-2025

Cómo citar/How to cite: Sposito, Maria Encarnação Beltrão (2025): “A gestão da diferença em cidades médias brasileiras sob fragmentação socioespacial: Maringá e Ribeirão Preto”, *Ciudades*, 28, pp. 47-71.

DOI: <https://doi.org/10.24197/ciudades.28.2025.47-71>

Artículo de acceso abierto distribuido bajo una [Licencia Creative Commons Atribución 4.0 Internacional \(CC-BY 4.0\)](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/). / Open access article under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License \(CC-BY 4.0\)](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

**Resumo:** O processo de fragmentação socioespacial é a base conceitual adotada, neste artigo, para interpretar as mudanças recentes na produção do espaço urbano em duas cidades médias brasileiras, Maringá e Ribeirão Preto. Pela sua abrangência, uma vez que incorpora a compreensão de dinâmicas associadas ao uso residencial, comercial e de serviços, tanto no plano objetivo como no subjetivo, este processo assenta-se em dimensões diferentes e entrelaçadas entre si – mudanças no tecido urbano, nas práticas espaciais e nos imaginários sociais – que são acentuadas, quando se toma como perspectiva a relação entre segregação e autosegregação socioespaciais. A metodologia adotada foi baseada em representações cartográficas temáticas, em entrevistas realizadas como cidadãos das duas cidades e em observações e registros fotográficos efetuados em campo. Os resultados da pesquisa mostram as relações intrínsecas entre autosegregação e fragmentação socioespacial e revelam as suas nuances ao se focar as singularidades das duas cidades.

**Palavras-chave:** Fragmentação socioespacial. Segregação socioespacial. Autosegregação socioespacial. Cidades médias brasileiras.

---

\* Este artigo contém resultados da pesquisa Fragmentação socioespacial e urbanização brasileira: escalas, vetores, ritmos e formas (FragUrb) financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) – Processo 2018/07701-8. Foi desenvolvida por uma ampla equipe de trabalho, a quem agradecer pela colaboração e diálogo profícuo.

**Resumen:** El proceso de fragmentación socioespacial es la base conceptual adoptada en este artículo para interpretar los cambios recientes en la producción del espacio urbano en ciudades intermedias brasileñas. Por su alcance, ya que incorpora la comprensión de las dinámicas asociadas al uso residencial, comercial y de servicios, tanto en el plano objetivo como en el subjetivo, este proceso se sustenta en dimensiones diferentes y entrelazadas –cambios en el tejido urbano, prácticas espaciales e imaginarios sociales– que se acentúan cuando se tiene en cuenta la relación entre segregación socioespacial y autosegregación. En este artículo, el análisis toma como referencia las ciudades de Maringá y Ribeirão Preto, en Brasil. La metodología adoptada en la investigación se basa en representaciones cartográficas temáticas, entrevistas realizadas a ciudadanos de las dos ciudades y observaciones y registros fotográficos realizados en campo. Los resultados de la investigación muestran las relaciones intrínsecas entre autosegregación y fragmentación socioespacial y revelan sus matices al centrarse en las singularidades de las dos ciudades.

**Palabras clave:** Fragmentación socioespacial. Segregación socioespacial. Autosegregación socioespacial. Ciudades intermedias brasileñas.

**Abstract:** The process of socio-spatial fragmentation is the conceptual basis adopted in this article to interpret recent changes in the production of urban space in two Brazilian middle cities, Maringá and Ribeirão Preto. Due to its scope, as it incorporates the understanding of dynamics associated with residential, commercial and service use, both objectively and subjectively, this process is based on different and intertwined dimensions –changes in the urban fabric, in spatial practices and in social imaginaries– which are accentuated when the relationship between socio-spatial segregation and self-segregation is taken as a perspective. The methodology adopted was based on thematic cartographic representations, on interviews carried out with residents of the two cities and on observations and photographic records carried out in the field. The research results show the intrinsic relationships between self-segregation and socio-spatial fragmentation and reveal their nuances when focusing on the singularities of the two cities.

**Keywords:** Socio-spatial fragmentation. Socio-spatial segregation. Socio-spatial self-segregation. Brazilian middle cities.

---

Neste artigo, apresentamos contribuição à compreensão das transformações recentes no processo de produção do espaço urbano, a partir da ideia de fragmentação socioespacial em duas cidades médias brasileiras – Maringá e Ribeirão Preto.

Metodologicamente, o artigo apoia-se em: - representações cartográficas temáticas; - entrevistas semiestruturadas realizadas com cidadãos<sup>1</sup>, segundo faixa etária, gênero e *habitat*; - observações sistemáticas feitas nas duas cidades.

O artigo está organizado em três seções. Na primeira, discutimos a pertinência do conceito de fragmentação socioespacial para compreender as mudanças ocorridas nas últimas décadas. Na segunda, o foco recai sobre a tendência à constituição de tecidos urbanos descontínuos, associados a novas estruturas espaciais. Na sequência, são analisadas as relações entre práticas espaciais e imaginários sociais. Ao final, algumas conclusões.

---

<sup>1</sup> Para um conhecimento detalhado da metodologia que embasou a pesquisa, ver Góes e Melazzo (2022).

## 1. POR QUE FRAGMENTAÇÃO SOCIOESPACIAL?

Proposto pelos pesquisadores da Escola de Chicago, o conceito de segregação é destinado a compreender as formas de separação nos espaços urbanos há mais de cem anos.

O conceito de segregação redefiniu-se, na segunda metade do século XX, com base na chamada Escola da Sociologia Urbana francesa e vem sendo adotado por pesquisadores em todo o mundo.

Neste artigo, a perspectiva que adotamos para este conceito é de natureza crítica desenvolvida, sobretudo a partir de Lefebvre (1970), para quem segregação significa rompimento, separação e, portanto, não corresponderia a todas as formas de divisão social do espaço, mas apenas àquelas separações em que o diálogo entre as áreas e seus moradores fica interceptado, perspectiva explicitada em outras publicações (Sposito, 2013; Sposito e Góes, 2013).

A partir desta escolha conceitual, a segregação não coincide com desigualdades sociais (Sabatini, Cáceres e Cerda, 2001), embora a elas se associem. Reconhecer a segregação socioespacial implica na consideração das relações entre os sujeitos e entre eles e o espaço, o que significa que é importante observar na pesquisa quem segrega e quem é segregado, com foco nas práticas espaciais e narrativas que dão sustentação a estas articulações.

Dada a longevidade do conceito, caberia a indagação: Teria ele perdido sua força explicativa? Estaria superado?

Nossa primeira resposta diante destas questões é negativa. No entanto, é essencial combiná-lo a outros conceitos, de modo a capturar as transformações contemporâneas e revelar seus novos conteúdos.

O conceito de segregação é associado aos modos de separação no tocante ao uso residencial do espaço e, por isso, tem limites para explicar as formas contemporâneas de divisão social do espaço, sob influência direta da globalização (Mattos, 2002) em cidades neoliberais (Pinson, 2020). Tal divisão redefine-se e abrange, atualmente, outros usos do solo, com destaque para os associados ao consumo, indo além das dinâmicas que levaram à elaboração do conceito de segregação e o abarcando, sem superá-lo, uma vez que a segregação é parte do processo da fragmentação socioespacial.

Ao conceito de segregação, para compreender as novas formas de *habitat* urbano no Brasil, é importante associar o de autosegregação (Corrêa, 1999; Frei e Duarte, 2006; Souza, 2008; Capron, 2012), visto que a ampliação dos espaços residenciais fechados vem alterando as relações de seus moradores com as cidades em que habitam, restringindo o livre direito de ir e vir dos que moram fora dos muros (Sposito e Góes, 2013; Sposito, 2013).

Sintetizando os dois pontos, para conformar a base teórica deste artigo, é importante destacar que a lógica espacial que orientou a estruturação das cidades no subcontinente latino-americano, durante todo o século XX, a centro-periférica,

vem sendo sobreposta pela lógica espacial fragmentária, articulando-se a ela e revelando tensões e contradições (Sposito e Sposito, 2020; Legroux, 2021).

Assim, a segregação e a autosegregação socioespaciais são entendidas neste artigo, como movimentos intrínsecos ao processo de fragmentação socioespacial e este processo como expressão contemporânea da produção do espaço urbano sob o capitalismo.

A fragmentação socioespacial não é uma ideia nova. Evoca, num primeiro momento, a descontinuidade territorial e espacial, levando à suposição de mudanças nos tecidos urbanos, decorrentes de dispersão urbana, nos termos de Mónica (1988). No entanto, é um processo mais complexo, ainda que ambíguo (Prévôt-Schapira, 2000) e enunciado por um termo polissêmico (Cattaruzza, 2010; Sposito e Sposito, 2020).

A relação entre distância social e proximidade geográfica que estava relativamente equacionada sob a lógica centro-periférica, porque ricos e pobres moravam distantes entre si, está em xeque sob a nova estruturação espacial, em decorrência do aumento dos interesses fundiários e imobiliários no anel de expansão urbana, sobretudo na América Latina, território urbano periférico, antes ocupado quase exclusivamente pelos mais pobres.

Esse novo compósito das áreas de expansão urbana, levou a maior proximidade entre estratos sociais diferentes entre si, revelando tensões<sup>2</sup>, que se expressam- a) no plano material: alterações no sistema viário, muros separando áreas residenciais, sistemas de vigilância e controle (Sposito e Góes, 2013) e aparecimento de vários tipos de enclave (Caldeira, 2000); b) no plano imaterial: novos modos de estabelecer distinção, lógicas radicais de demarcação como indicou Villechaise (1997) ou estratégias para realizar a “gestão da diferença” (Prévôt-Schapira e Pineda, 2008).

A construção conceitual da ideia de fragmentação tem início antes de o processo se revelar como central na América Latina. Prévôt-Schapira (2000, p. 406) frisou que a origem da “noção” de fragmentação está na sociologia americana, em literatura que destacou efeitos da globalização e aparecimento de novas centralidades como nós de fluxos mundializados. Soja havia colocado em debate o tema (1985, 1988) para Los Angeles, uma cidade fragmentada por excelência.

Foram observadas tendências como “desintegração social” para a escala da cidade e “hiperintegração social” ou “desincorporação urbana” para a escala das frações que correspondem às áreas de fechamento, controle e vigilância (Donzelot, 1998 e 1999; Ascher e Godard, 1999).

Estudando Lisboa, Salgueiro (2001) associou a fragmentação à constituição da cidade como território policêntrico, ao aparecimento de megacomplexos

---

<sup>2</sup> Chamboredon e Lemaire (1976) já haviam feito referência a essas tensões.

imobiliários, à existência de enclaves dissonantes em meio a tecidos com relativa homogeneidade morfosocial, assim como à crescente dessolidarização em relação ao entorno próximo.

Com foco nas *gated communities*, Navez-Bouchanine (2002) organizou obra para tratar da proposta de fragmentação e destacou que ela expressa a “descontinuidade e a descontiguidade do tecido urbano” e tende à constituição de vazios urbanos.

A literatura sobre a fragmentação socioespacial desenvolveu-se na América Latina com força, já que as disparidades são grandes. Tomando como referência a realidade brasileira, Corrêa (1988), Santos (1990) e Vidal (1995) foram pioneiros na associação entre a noção de fragmentação e esta realidade.

Para nós, a fragmentação socioespacial é processo, portanto não é fato, visto que está no seu cerne a transformação, o movimento do vir a ser e a passagem de uma dada estrutura a outra. Orienta, como lógica espacial, as formas contemporâneas de produção do espaço urbano, filiando-se à Teoria da Produção do Espaço de Henri Lefebvre, porque busca considerar seus fundamentos. Trata-se de processo que contém tanto o visível, como o não tão visível.

O esquema da Figura 1 sintetiza a vinculação entre os diferentes processos analisados nesta seção, para mostrar a hierarquia entre eles, dos mais abrangentes para os mais específicos.

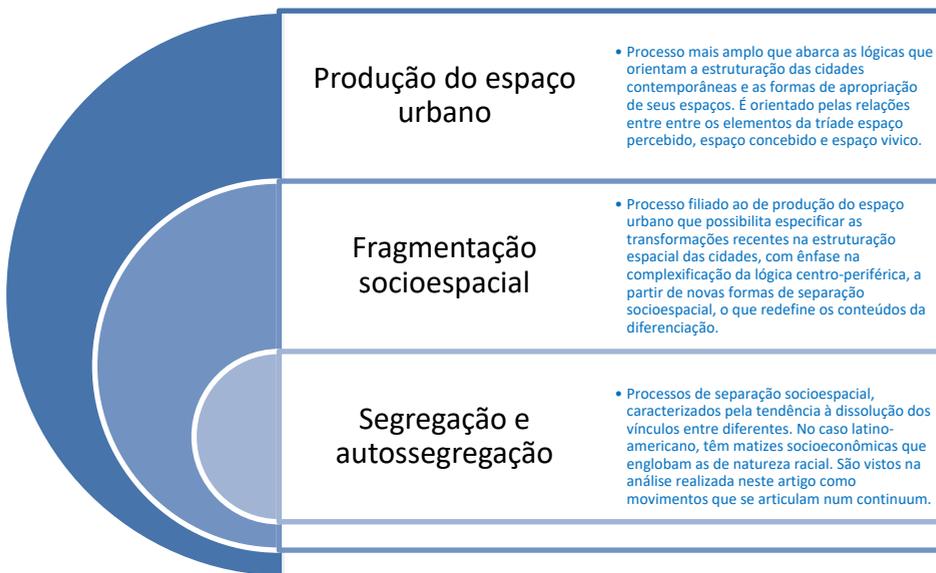


Figura 1 – Esquema da estrutura teórico-conceitual da análise.

Neste artigo, o processo de fragmentação socioespacial é analisado, como proposto por Magrini (2013), a partir da concomitância entre mudanças no tecido urbano, nas práticas espaciais e nos imaginários sociais. Como se pode notar na Figura 2, mudanças nos tecidos urbanos influenciam práticas que, por sua vez, interferem na constituição dos imaginários sociais, compondo um círculo de codeterminações, que orientou metodologicamente os instrumentos da pesquisa, especialmente, no caso deste artigo, o roteiro das entrevistas semiestruturadas.



Figura 2 – Esquema dos planos analíticos teórico-empíricos.

Há cidades em que a fragmentação socioespacial se revela por meio das três dinâmicas de mudança, há outras em que apenas uma ou duas delas revelam a passagem da lógica socioespacial centro periférica para a fragmentária.

Para este artigo, escolhemos duas cidades médias<sup>3</sup> brasileiras, em que este processo se constitui, combinando de modo diverso as três dinâmicas apontadas.

<sup>3</sup> No Brasil, a expressão cidades médias é há décadas adotada para fazer referência àquelas que, no âmbito regional, tem papéis de comando. Distinguem-se, portanto, das cidades de porte médio, cuja classificação decorre exclusivamente do tamanho demográfico, podendo elas inclusive compor grandes regiões metropolitanas. Deste ponto de vista, há correspondência entre cidades médias e aquelas que os pesquisadores espanhóis chamam de intermédias. A adjetivação intermediária também aparece em vários países, incluindo-se o Brasil.

Para articular os três planos analíticos, será valorizada, nas próximas seções, a ideia de “gestão da diferença” (Prévôt-Schapira e Pineda, 2008, p. 89). Para esses autores, na América Latina, onde se observa a heterogeneização das trajetórias sociais e residenciais, os indivíduos e os grupos se veem em termos antagônicos – “nós” e os “outros” – como estratégia para estabelecer e conservar seus status sociais. Para eles, a “...fragmentación se establece, así, como el principal modo de gestión de la diferencia en una sociedad en curso de atomización” (p. 89).

Assim, a “gestão da diferença” será tomada como eixo que articula os elementos contidos nos esquemas das Figuras 1 e 2.

## 2. TECIDOS URBANOS E ESTRUTURAS ESPACIAIS

Embora, na literatura internacional e, especificamente na latino-americana, o conceito de fragmentação socioespacial tenha, inicialmente, sido aplicado aos estudos sobre a metrópole, vimos desenvolvendo esforços para reconhecer (ou não) seu movimento em outros estratos da rede urbana, visando apreender o que é geral no processo, mas também particularidades e singularidades.

A pesquisa em que se apoia este artigo foi realizada em oito cidades médias brasileiras, das quais duas foram selecionadas por serem representativas para a análise das mudanças contemporâneas que podemos reconhecer como estratégias recentes e, ao mesmo tempo, distintas entre si para estabelecer a “gestão da diferença”.

### 2.1. Maringá

Esta cidade tem quase 410 mil habitantes (IBGE, 2022) e cresceu 41,92%, demograficamente, entre 2000 e 2022. Está situada no norte do estado do Paraná, região que resultou de política de planejamento urbano-regional empreendida por companhia de capital inglês, depois adquirida pela brasileira Companhia Melhoramentos Norte do Paraná. Quando Maringá foi fundada em 1947, o processo de abertura de cidades, visando a vendas de terras urbanas e rurais, já se encontrava sob responsabilidade da empresa brasileira (Endlich, 2006). A cidade é considerada uma das que oferece melhor qualidade de vida a seus moradores, pela presença de parques e infraestrutura viária de qualidade.

Por meio da Figura 3<sup>4</sup>, podemos conhecer Maringá sob vários pontos de vista.

---

<sup>4</sup> O leitor, ao analisar as Figuras 3 e 4, deverá estar atento para o seguinte: - as escalas cartográficas não são as mesmas, em função de termos duas cidades com extensões territoriais diferentes entre si; - os tons rosados e azuis que correspondem aos setores, onde predominam chefes de família com menores e maiores rendimentos representam dados disponíveis de

O papel do centro principal é relevante e tem associação grande com o fato de a cidade ter sido planejada e de, nas áreas pericentrais, situarem-se dois parques urbanos – Parque do Ingá e Bosque dos Pioneiros – que exercem papel importante na valorização deste setor.

Os *shopping centers* destinados ao varejo estão na área central ou nos eixos de circulação que acedem ao centro principal.

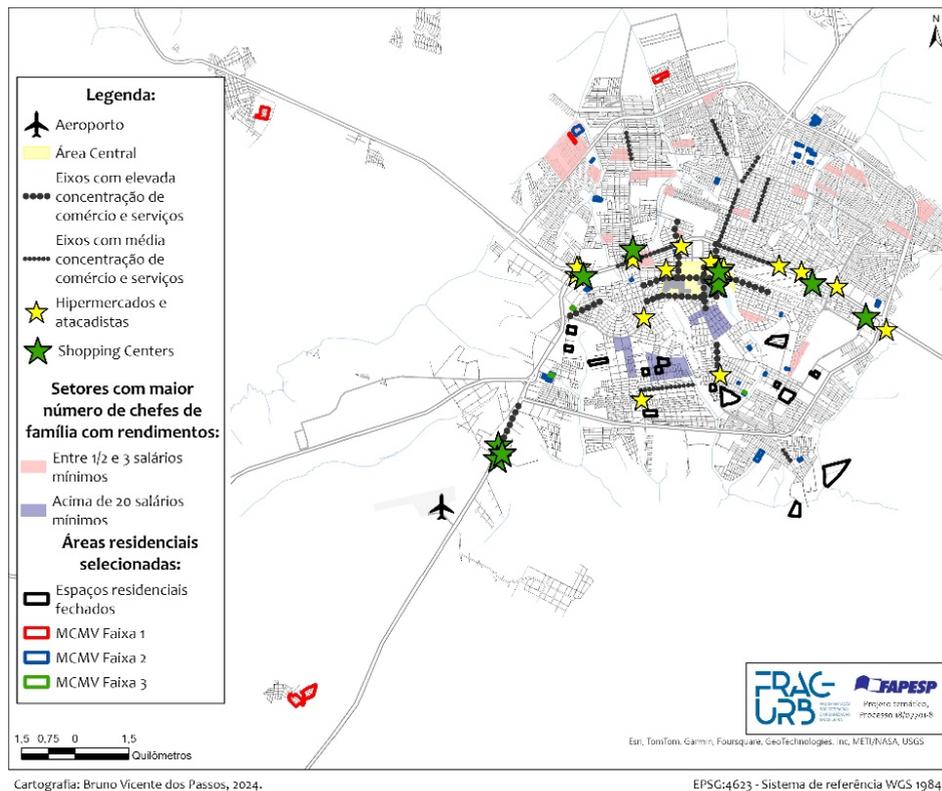


Figura 3: Maringá. Estruturação espacial. Autoria: Equipe FragUrb (2024).

Podemos afirmar que, socioeconomicamente, há duas cidades: a do norte, onde se situam alguns investimentos do programa Minha Casa Minha Vida

2010; - os *shopping centers* e hipermercados assinalados tem diferentes tamanhos e mix de produtos, mas são importantes na redefinição das estruturas espaciais. As informações contidas nos mapas foram levantadas do site do Ministério das Cidades (Programa MCMV), de imagens de satélite (espaços residenciais fechados, hipermercados e supermercados) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (informações sobre rendas das famílias). Posteriormente, essas informações foram checadas em campo.

(MCMV)<sup>5</sup> e se concentra a maior parte das áreas nas quais predominam os chefes de família que ganham menos; a do sul, na qual está o centro principal, a maior parte das grandes superfícies comerciais e de serviços (*shopping centers* e hipermercados<sup>6</sup>), todas as áreas de predomínio dos chefes de família que ganham mais, bem como a quase totalidade dos espaços residenciais fechados.

A centralidade exercida pelo centro principal explica também a verticalização que está neste setor ou lindeira a ele (Foto 1).



Foto 1: Maringá. Área de verticalização no centro, próxima ao Parque Ingá (2022).

Autoria: Equipe FragUrb.

<sup>5</sup> Para obter informações sobre a importância do programa e sua evolução ver: <https://www.institutolula.org/legado/brasil-da-mudanca/avancos-sociais/minha-casa-minha-vida>. Para conhecer mais a política habitacional brasileira, recomendamos Cardoso e Aragão (2013), Melazzo (2016), Calixto e Redón (2021). Em Maringá, não é grande o número de conjuntos habitacionais que foi resultado do programa, pois uma parte desses investimentos foi efetuada em cidades vizinhas, aglomeradas com Maringá.

<sup>6</sup> No Brasil são considerados hipermercados as superfícies comerciais que ocupam áreas de até 20.000 m<sup>2</sup>, oferecendo um mix variado de produtos, desde o gênero alimentício, até eletrodomésticos e eletroeletrônicos, com mais de 50 mil itens nas prateleiras. Fonte: <https://insights.bnex.com.br/conheca-as-diferencas-entre-os-tipos-de-mercados/>

O centro principal de Maringá abrange seu centro histórico e continua a ser o setor que articula as demais áreas da cidade, mas três pontos alicerçam a fragmentação socioespacial, por meio da “gestão da diferença”:

- a situação ocupada pelos Maringá Park Shopping Center, Avenida Shopping Center e pelo Catuaí Maringá Shopping Center reforça o papel do centro principal, mas há separação socioespacial nos espaços de consumo, pois o comércio de rua, tendencialmente, é mais frequentado pelos que ganham menos, enquanto a classe média e a elite, também tendencialmente, estão nos *shopping centers*, havendo ainda diferenças socioeconômicas entre os frequentadores das três superfícies comerciais citadas;
- em função da política de planejamento bastante valorizada, desde a origem da cidade, e dos limites para expansão urbana de Maringá (a leste está aglomerada com Sarandi e a sudoeste com Paiçandu), muitas famílias de menor poder aquisitivo estão fora dos limites da cidade, deslocando-se cotidianamente para o trabalho, o estudo ou o consumo de bens e serviços, indicando que parte do que seria a periferia está fora de Maringá;
- até duas ou três décadas, as áreas mais procuradas pelos moradores de elite estavam no centro ou muito próximo a ele, revelando uma estruturação centro-periférica, mas hoje, com o centro principal ainda exercendo papel importante, a divisão socioespacial norte – sul pode ser compreendida como uma forma de diferenciação socioespacial, que revela o movimento de superação da lógica anterior em direção a uma lógica fragmentária, se não como dois setores claramente cindidos, como continentes de fragmentos que lhes são constitutivos.

## 2.2. Ribeirão Preto

Pertencente ao estado de São Paulo, é a maior entre as cidades médias analisadas pelo projeto de pesquisa FragUrb. Tem sua origem vinculada à expansão da pecuária e da agricultura, especialmente o plantio do café, na passagem do Brasil Imperial para o Brasil Republicano, na segunda metade do século XIX. Trata-se de período em que há substituição da mão de obra escrava pela livre, com grande incremento da imigração europeia no começo do século XX, o que dinamizou a ocupação e a economia da região que veio a ser polarizada por Ribeirão Preto, uma cidade com Produto Interno Bruto per capita elevado.

Em 2022, havia passado dos 698 mil habitantes e registrado crescimento de 37,96% entre 2000 e 2022.

Entre os dois casos tomados como referências para este artigo, Ribeirão Preto é a que, de modo mais claro, transitou da lógica espacial centro-periférica para a lógica espacial comandada pelo processo de fragmentação socioespacial, como podemos observar na Figura 4.

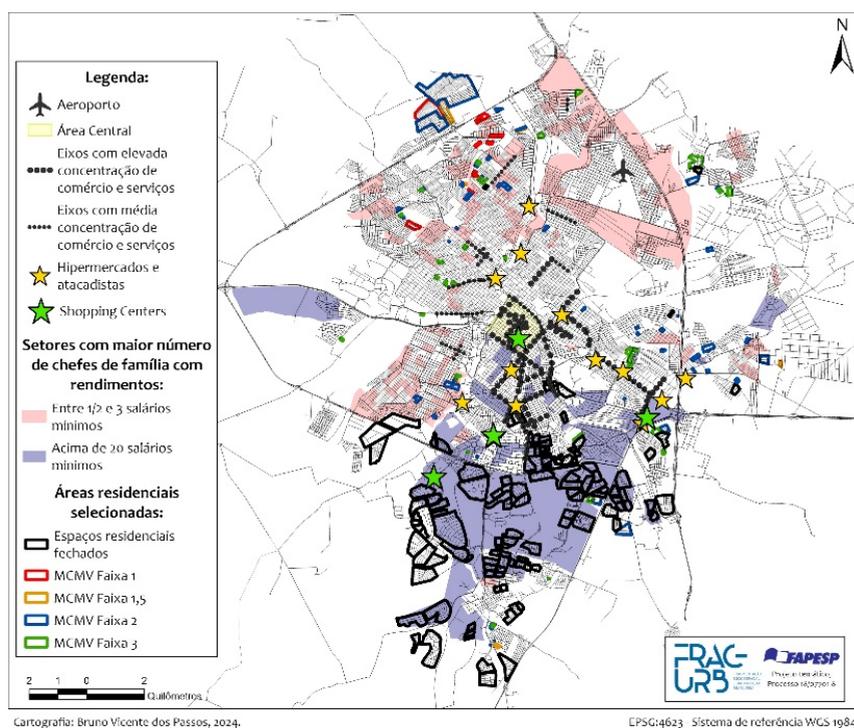


Figura 4: Ribeirão Preto. Estruturação espacial. Autoria: Equipe FragUrb (2024).

A policentralidade está estabelecida, porque além do centro principal, onde continua a haver parte importante das atividades comerciais e de serviços e um centro comercial importante – Shopping Santa Úrsula, há outros três de grande porte, todos na metade sul: Ribeirão Shopping, Novo Shopping Center Ribeirão Preto e Shopping Iguatemi Ribeirão Preto<sup>7</sup>. São essas grandes superfícies as escolhidas para o consumo de bens e serviços pela classe média e pela elite<sup>8</sup>.

<sup>7</sup> Fonte: <https://abrasce.com.br/>

<sup>8</sup> No Brasil, nas metrópoles, onde o tamanho do mercado consumidor é maior, temos a tendência de estratificação dos consumidores, por diferentes *shopping centers*, havendo grandes superfícies comerciais e de serviços deste gênero para todas as classes sociais. Nas cidades médias, tendencialmente, os *shopping centers* têm se localizado nos setores

As inversões do Programa MCMV, ocorreram no norte, predominantemente em edificações multifamiliares (Silva, 2022), reforçando a tendência já desenhada de predomínio da ocupação residencial pelas famílias mais pobres neste setor. As áreas representadas em rosa, embora também presentes nas porções leste e oeste, predominam no norte, onde também estão situadas as áreas favelizadas da cidade.

No mesmo vetor de expansão do comércio para a classe média e a elite, proliferaram, no sul, os espaços residenciais fechados, que são numerosos e, em função da tendência à dispersão urbana, cada vez distantes do centro. A valorização imobiliária deste setor, foi estruturada, a partir da Avenida Fiúsa, onde estão as edificações residenciais multifamiliares, do tipo condominial, controladas por sistemas de segurança e vigilância, destinadas aos segmentos de maior poder aquisitivo.



Foto 2: Ribeirão Preto. Avenida Professor João Fiúsa, eixo de estruturação sul da cidade.  
Autoria: Equipe FragUrb (2019).

No caso desta cidade, a gestão da diferença é expressa:

- pela oposição norte – sul, que é visível no cartograma, mas vem acompanhada como veremos, nas próximas seções, por práticas espaciais e imaginários sociais fortemente vinculados a esta cisão;

---

residenciais de médio e alto poder aquisitivo, levando a uma clivagem do mercado consumidor, segundo a qual, predominantemente, os segmentos de menor poder de compra seguem frequentando predominantemente o centro para a compra de bens e serviços.

- pela extensão do tecido urbano, o que significa distâncias maiores para se aceder ao centro principal, levando os do sul, não apenas por razões de separação social, mas pelo tempo de deslocamento também, a abandonar a frequência ao centro;
- pela predominância muito expressiva do centro principal como o espaço de consumo dos mais pobres, para o acesso a bens e serviços mais diversificados, pois, embora do ponto de vista da estrutura espacial, a superação da lógica centro-periférica seja notável, relativamente à circulação por transporte coletivo, este centro continua a ser o nó estruturador do sistema.

### 3. PRÁTICAS ESPACIAIS E IMAGINÁRIOS SOCIAIS

As práticas espaciais<sup>9</sup>, para Lefebvre (1974), consistem na projeção sobre o espaço de todos os aspectos, elementos e momentos da prática social. É um conceito que valoriza a dimensão espacial da vida social, mas na sua relação com o tempo, especialmente o cotidiano. Como destacado em Sposito e Góes (2022, p. 93), não se trata somente da rotina como repetição, porque as práticas espaciais contêm a possibilidade do novo, uma vez que “...exigem o refazer em função do inesperado”, sendo orientadas tanto por razões objetivas como subjetivas.

O imaginário social está fortemente ancorado na dimensão subjetiva dos fatos, dinâmicas e processos. O adjetivo social já é indicador de que se trata de representações coletivas que são constituídas e apropriadas por uma sociedade, por um grupo ou por uma geração.

Castoriadis (2004 e 2010) considera que há estreita relação entre o sentido que a sociedade dá ao mundo e o que a rodeia – a linguagem, os costumes, as técnicas etc.<sup>10</sup>. Ele afirma:

O imaginário de que falo não é imagem de. É criação incessante e essencialmente indeterminada (social-histórica e psíquica) de figuras/formas/ imagens, a partir das quais somente é possível falar-se de “alguma coisa”. (Castoriadis, 2010, p. 13)

Partindo dessas conceituações de práticas espaciais e imaginários sociais, temos o desafio de empiricizá-los, como Stock (2015) destacou.

Nem se trata de uma verificação estatística, tampouco de uma perspectiva radicalmente fenomenológica, neste artigo, em que não se deseja analisar indivíduos, mas sim o espaço urbano em processo de fragmentação socioespacial.

<sup>9</sup> Para ampliar o conhecimento sobre este conceito, ver Lefebvre (1974), Lussault (2003), Souza (2013), Sposito e Góes (2022) e Pereira (2024).

<sup>10</sup> Para ampliar a compreensão sobre imaginário social, ver Bourdieu (1989), Silva (2002) e Mafesoli (2008).

Para esta seção do texto, vamos trabalhar com entrevistas realizadas com cidadãos, efetuadas com moradores de diferentes *habitats* (Quadro 1)

Cidades	Número de entrevistas		
	<i>Habitats</i> de classe média e elite	<i>Habitats</i> populares	Total
<b>Maringá</b>	14	19	33
<b>Ribeirão Preto</b>	15	24	39

Quadro 1: Pesquisa Fragmentação socioespacial e urbanização brasileira. Entrevistas realizadas com cidadãos. Autoria: Equipe FragUrb (2022 a 2024).

Para a análise foram selecionados apenas alguns excertos das entrevistas, pelo significado deles e, sobretudo, visando a compreensão da fragmentação socioespacial na relação com as práticas espaciais e os imaginários sociais. Buscamos realizar essa seleção a partir da ideia de “gestão da diferença”.

As entrevistas selecionadas são designativas de tendências observadas no conjunto das narrativas registradas. Isso não significa que não tenhamos tido falas de entrevistados que revelassem contra tendências ou contradições na expressão de seus imaginários, algumas das quais aparecerão na análise que se segue.

O trabalho com entrevistas, pela natureza qualitativa, não responde a critérios estatísticos, embora, no caso em apreço, o número de narrativas registradas tenha sido significativo para apreender uma visão de conjunto<sup>11</sup>

### 3.1. Maringá, o centro principal e seus muitos espaços

Virginia, tem 26 anos, é atriz de formação e, em 2022, quando a entrevista foi realizada, trabalhava como *designer* em Maringá. É solteira, vive com o irmão e sua renda familiar é de aproximadamente 3.000 reais. Reside no Jardim Alvorada, setor norte que, por ser um bairro populoso e de ocupação consolidada, nucleia um subcentro:

O que eu mais gosto é que aqui é praticamente um centro, tem tudo, é um outro centro na verdade. Tem um centro comercial, não é? Aqui é um centro comercial que tem tudo ao redor.<sup>12</sup>

Quando indagada se frequentava o centro principal da cidade, explicou que:

A frequência vai depender da demanda ali daquele momento da minha vida, porque, como eu falei, esse centro aqui, ele atende bastante as minhas demandas, mas tem coisas

<sup>11</sup> Para aprofundamento das escolhas metodológicas feitas para orientar a realização das entrevistas na pesquisa, ver Góes et al (2022).

<sup>12</sup> Os negritos são feitos por nós.

que não tem como achar, não é? Então, por exemplo, tecidos, lojas de tecidos, eu vou para lá [para o centro]. [...] Daí, eu vou para o centro sim, quando eu preciso comprar coisas da minha religião também, é mais para lá que eu vou encontrar algumas coisas, então...eu vou com uma frequência quando a demanda do momento está pedindo, sabe? E geralmente eu vou de *Uber*, daí eu faço todo o “corre” do centro a pé e volto a pé, para economizar.

A narrativa de Virginia, que reside que em área que não seria reconhecida como periferia urbana<sup>13</sup>, mostra que a frequência ao centro principal ocorre para compras ou serviços mais especializados.

Antes da pandemia, ela trabalhou como barista numa cafeteria no Catuaí Shopping Maringá, superfície comercial mais voltada para segmentos de maior poder aquisitivo. Também fez referência a ter trabalhado no Shopping Avenida Center, mais voltado a segmentos de médio poder aquisitivo. No entanto, suas práticas espaciais associadas ao lazer, no centro principal, são barzinhos situados no centro principal e em áreas pericentrais. Informou, também, sobre idas ao teatro.

A referência à Catedral como um marco na centralidade de Maringá foi constante. Trata-se de uma edificação moderna que se destaca arquitetonicamente e que é cercada de áreas ajardinadas. Em grande parte das cidades brasileiras, o centro é associado à rua comercial mais importante, mas, no caso de Maringá, todo o imaginário social, associado ao pouco tempo de existência da cidade e ao fato de ter sido planejada, gera mais identidade com este prédio icônico.

Gilson, 24 anos, quando entrevistado, morava em Maringá há apenas dois anos vindo de uma cidade menor da região. Muitas vezes, por razões profissionais ia ao centro.

O centro de Maringá aqui é a Catedral, que o povo usa de referência maior é a Catedral. O centro? Catedral. [Entrevistadora; Na volta da Catedral?] É, na volta da Catedral. Então, tipo assim, você chegou ali, Prefeitura, Catedral, o Fórum, já é o centro, está no centro. Então é assim.

Quando perguntado como é seu lazer informou que é realizado nas dependências do pequeno condomínio popular em que mora – condomínio Citizen Park, no bairro Cidade Alta – e fez referência a idas a *shopping centers* com a namorada.

Também informou que ia ao Parque do Japão, Parque Ingá e Catedral, quando recebia visitas de sua cidade natal e desejava mostrar Maringá, reforçando

---

<sup>13</sup> De seu bairro até a Catedral de Maringá, marco do centro principal, o percurso é de 4,3 km. Desde essa catedral até os arrabaldes da cidade a distância é de 8 km.

a ideia de que o centro principal, a catedral e os parques exercem forte centralidade no imaginário social.

Na seção anterior, embora tenhamos destacado a divisão social do espaço entre norte e sul de Maringá, observada a partir da concentração dos que ganham menos e mais, não foi possível apreender nas entrevistas, como parte do imaginário social, que haja esta representação, ou seja, vê-se o descompasso temporal entre as mudanças na estrutura espacial, que já apontam para uma cidade cindida, e as imagens expressas sobre a cidade, nas narrativas registradas em que o centro e seus espaços icônicos continuam a exercer forte importância na composição da centralidade urbana.

É emblemática a entrevista dada por Miranda, advogada, 49 anos, que reside num espaço residencial fechado denominado Condomínio Imperial, de alto padrão, localizado no Jardim Imperial. Depois de desligado o gravador, comentou com a pesquisadora que a entrevistou, que realizava várias atividades com outros moradores do condomínio, entre elas viagens internacionais.

Quando indagada onde trabalhava, informou que seu escritório ficava no centro da cidade, mas fez referência à localização dele na Avenida Cerro Azul, na Zona 2, ao sul do centro, o que mostra que sua representação do que é central é bem alargada e se alterou com o decorrer do tempo:

Eu moro em Maringá já tem 30 e poucos anos, mais ou menos. Antes Centro era a Av. Brasil, falava em Centro é Avenida Brasil [...] era a Avenida Brasil e ali até na Avenida XV de novembro, até a Catedral, mas o meu escritório fica a 2 quadras da Catedral, então quando eu estou no escritório, tudo o que eu preciso fazer na região, eu vou a pé, porque não vale a pena ir de carro. Então, ali para mim é uma área bem central, o nome do bairro é Zona 2, mas para mim é Centro.

Quando indagada sobre seu lazer, não fez referência ao centro e tampouco a *shopping centers*, mas fez alusão a encontros que ocorrem no espaço residencial fechado em que mora, mostrando que este é o fragmento da cidade em que, principalmente, realiza sua vida social.

Não apenas essas entrevistas citadas, mas o conjunto delas mostrou que a área central de Maringá é muito importante para seus moradores, mas se realiza segundo clivagens, conforme seu padrão socioeconômico, sua opção pela autossegregação, sua história pretérita em outras cidades ou seus vínculos de trabalho.

Haver um centro principal importante e articulador da estrutura espacial de Maringá não elimina a hipótese de a cidade já viver uma divisão social do espaço que leva a formas múltiplas de separação socioespacial, uma vez que, mesmo havendo referências positivas ao centro principal, parte dos entrevistados de maior poder aquisitivo relataram, como Miranda, que a vida social que realizam já não se efetiva neste setor da cidade, revelando que, por meio das práticas espaciais, os fragmentos urbanos vão se constituindo.

### 3.2. Ribeirão Preto cindida entre o norte e o sul

Diego é um jovem de 23 anos, mora num espaço residencial fechado. A oposição entre o norte e o sul da cidade foi destacada em sua narrativa. O setor norte não faz parte de seu cotidiano e não estão ali os espaços que são apropriados por ele.

É zona norte, vários... tem alguns bairros ali que eu nunca... assim, nunca fizeram parte do meu convívio, então, a gente sempre morou mais para... do centro para zona sul, nunca teve essa necessidade de ir para zona norte. Então são bairros assim, eu costumo andar bastante por Ribeirão e sei me virar bem, só que esses bairros, se eu parar lá no meio eu não sei sair.

Se, para Diego, o norte é um território desconhecido, do qual nem conseguiria sair se ali estivesse, Rosario, 52 anos, moradora do Conjunto Habitacional Wilson Toni, condomínio de edifícios multifamiliares edificados com recursos do Programa MCMV, conhece muito bem este setor caracterizado pela residência dos segmentos de menor poder aquisitivo:

Olha, o Wilson Toni é muito mal falado. [...] Já tivemos várias situações que aconteceram aqui, é aquilo que eu estou te falando, foi uma mistura de gente. Tem gente que rouba, tem gente traficante. Tem tudo isso aqui. Então a polícia vem, a polícia invade. Dá na televisão: “No Jardim Wilson Toni, dois moleques adolescentes roubaram moto do trabalhador”. Então o bairro ficou famoso assim, meio feio, por causa disso. Você está entendendo? Então, eu acho que a pessoa deveria, antes de falar qualquer coisa, ver o que acontece! Quer dizer, não é porque nós somos 704 famílias, 704 apartamentos no total de todas as quadras. Será que as 704 famílias são assim? Então, vamos ver primeiro, né? Antes de rotular. [...] Então, espera aí, o bairro é bom. São essas cinco pessoas que não querem fazer o certo. Eu penso assim, mas é meio difícil, aqui. Todo dia, tem um pouquinho essa luta aqui.

Em sua narrativa, é possível apreender conhecimento sobre a área em que mora, que é também revelador do imaginário que sobre ela se constituiu. Neste trecho, é possível constatar a compreensão de Castoriadis (2004, 2010), para quem o imaginário é criação incessante e essencialmente indeterminada, ainda que social e historicamente constituído.

No caso brasileiro, a periferia é constantemente associada ao crime, ao tráfico de drogas e a outras práticas ilegais, havendo sempre a generalização dos fatos de tal modo que o estigma territorial, nos termos propostos por Wacquant (2006) é estabelecido.

Ao contrário de Rosário e se aproximando da visão de Diego, Augusto, 60 anos, aposentado, morador de edifício no setor sul, afirma que o norte é um lugar “perigoso e estranho”, embora em outra passagem de sua entrevista tenha

afirmado que a cidade inteira é insegura, revelando que a elaboração de representações é atravessada por contradições que se revelam nas narrativas dos entrevistados:

Não moraria na zona norte, nem na zona leste. Eu só moraria, talvez, se tivesse que voltar para o centro, mas assim difícil, eu moraria só pela zona sul, nesse bairro que estou ou nos bairros próximos daqui, na zona sul. [Entrevistadora]: Por que você não moraria na zona norte, zona leste e por que você acha assim, o que seria difícil no centro? [Augusto]: Porque na zona norte são lugares feios, construções antigas, perigoso, lugares estranhos. [...] Aqui é completamente diferente, mais planejado não é? [Entrevistadora]: O que as outras pessoas falam sobre seu bairro, sobre morar na zona sul? [Augusto]: Várias pessoas gostariam de morar na zona sul. No meu bairro. [Entrevistadora]: Você acha que na visão das outras pessoas a zona sul é a área mais visada? [Augusto]: Mais nobre, não é? Mais bonita, mais calma.

As narrativas selecionadas mostram formas claras de separação socioespacial. A partir delas, é possível afirmar que as relações entre segregação e autossegregação são fortes. Não consideramos esses dois movimentos opostos, mas articulados entre si, na medida em que um alimenta o outro, quanto tomamos como referência as condições objetivas que levam à diferenciação radical entre áreas, mas também as subjetivas associadas ao imaginário social. Nossos entrevistados do sul não realizam práticas espaciais que lhes possibilitaria falar com conhecimento sobre o norte de Ribeirão Preto, mas não hesitaram em externar suas opiniões e em afirmar categoricamente que não morariam lá. Assim, além de optar por espaços residenciais fechados, revelando a opção pela autossegregação no setor sul, ratificam a segregação dos mais pobres no norte. Expressam, por meio deste par, uma das facetas da fragmentação socioespacial.

## CONCLUSÕES

Pelas mãos da iniciativa privada ou por intermédio da ação iníqua do poder público, observou-se nas duas cidades a constituição de formas múltiplas de diferenciação socioespacial, efetivando-se como gestão das diferenças. Prévôt-Schapira e Pineda (2008, p. 78) chamaram atenção para este ponto ao fazer referência à gestão espacial e socialmente diferenciada dos serviços urbanos, levantando a hipótese de riscos de dessolidarização, um dos elementos destacados por Salgueiro (2002) para caracterizar a fragmentação socioespacial.

Em comum, entre as duas cidades, destacamos, sobretudo, a transição da lógica centro-periférica para a fragmentária, vista como processo. Como tal, ele é eivado de contradições que se revelaram nas narrativas dos entrevistados.

Apesar deste ponto comum, as duas cidades revelam essa transição de modo distinto em, ao menos três planos, que passamos a sintetizar.

Primeiramente, o ritmo de constituição da fragmentação socioespacial, como lógica que sucede e se combina com a estrutura centro-periférica não é o mesmo. Em Maringá, é forte a importância do centro principal, como espaço coordenador da vida econômica e social, e como símbolo que ancora o imaginário social sobre a cidade.

Os indicadores de constituição de uma policentralidade ainda são tênues, mas a instalação do Catuaí Maringá Shopping Center a 4,5 km da Catedral já indica uma descentralização importante, uma vez que *shopping centers* mais antigos são mais centrais que este. Nas entrevistas foi possível observar que, embora ainda haja grande apreço pelo centro, os entrevistados de maior poder aquisitivo já realizam sua vida social e seu lazer fora desta área da cidade.

Em Ribeirão Preto, a policentralidade está estabelecida, pelo número e tamanho dos *shopping centers*, pelo fato de os entrevistados de classe média e elite não frequentarem e não trabalharem mais no centro, o que ainda ocorre em Maringá. Em razão dessa constatação, principalmente, afirmamos que a transição da lógica espacial centro-periférica para a fragmentária é mais clara nesta cidade do que em Maringá.

O segundo plano é o que se refere às práticas espaciais, uma vez que as idas ao centro principal não indicam, para os moradores de classe média e elite, que haja efetiva apropriação desta área para várias finalidades. Alguns mantêm o trabalho neste setor ou acedem a ele para o consumo de produtos especializados. No entanto, em várias entrevistas, ainda que não na totalidade das que foram realizadas, os cidadãos entrevistados, sejam da elite ou de classe média, realizam seu lazer em seus próprios espaços residenciais ou em *shopping centers*, reforçando a constituição de fragmentos, marcados por homogeneidade social, em detrimento da cidade marcada pela heterogeneidade e pelas tensões delas decorrentes.

Em terceiro plano é aquele relativo aos imaginários sociais que se constituem e se expressam nas narrativas dos entrevistados e que combinam elementos dos outros dois planos. Ao responder nossas perguntas, eles elaboram explicações, justificativas ou, em algumas poucas situações, críticas à composição de um espaço urbano mais marcado por separações.

A oposição entre “nós” e “eles”, do ponto de vista socioespacial, foram muito marcantes nas narrativas dos moradores de Ribeirão Preto, expressas pela dicotomia entre o norte (pobres) e o sul (elite). Suas falas revelaram estigma territorial, sobretudo nas falas daqueles aqueles que estão em espaços residenciais fechados: ao afirmarem que têm receio de frequentar o norte, que nunca vão até lá ou que se o fossem até se perderiam, denotam ser aquele um espaço totalmente desconhecido por eles.

Nas narrativas dos moradores de Maringá, foi mais sutil a oposição, nos imaginários, tal como ela foi observada na representação cartográfica entre as

áreas habitadas pelos que ganham mais e aquelas ocupadas pelos que ganham menos. Se a separação socioespacial já está objetivamente sendo efetuada como a representação cartográfica demonstra pelas classes de renda menor no norte e as de menor no sul, as narrativas são menos radicais, no que se refere ao reconhecimento dessa oposição. No entanto, as respostas dadas por eles, ao responderem questões sobre lazer e consumo, sobretudo, mostram, contraditoriamente apreço pelo centro principal e pouca frequência a ele.

Conclui-se, assim que a “gestão da diferença” se efetua na composição das estruturas espaciais, nas práticas espaciais e no imaginário, entrelaçando essas três dimensões, mas as combinando de modo diverso.

Para nós, pesquisadores que trabalhamos com a interpretação das mudanças na cidade e no urbano, a pesquisa realizada mostrou a importância de reposicionamento teórico-metodológico, como uma transição epistemológica em direção a uma perspectiva mais aberta, como propôs Noller (2000), com ênfase na busca de novos conteúdos para os conceitos espaciais como um *spatial turn* (cf. Soja, 1988; Berking, 1998; Döring e Thielmann, 2008; Löw, 2013).

É preciso renovar os conceitos e também combiná-los de forma diferente, e para isso, em nossa opinião, é fundamental buscar a empiricização deles, o que se faz por meio da metodologia. Nossa escolha recaiu, com ênfase, sobre procedimentos metodológicos que capturam não apenas informações relativas a mudanças na localização das funções urbanas, mas interpretações feitas por aqueles que habitam as cidades, mostrando suas práticas e revelando seus imaginários.

Esperamos que esse artigo seja uma pequena contribuição nesta direção.

## BIBLIOGRAFÍA

Amorim, Wagner Vinicius (2015) *A produção imobiliária e a reconstrução das cidades médias: Londrina e Maringá/PR*, Doutorado em Geografia, Universidade Estadual Paulista. DOI: <https://doi.org/10.36403/espacoaberto.2015.2526>

Ascher, François & Godard, Francis (1999), “Vers une troisième solidarité”, *Esprit*, n. 258, pp. 168-189.

Berking, Helmuth, (1998), “Global flows and local cultures: Über die Rekonfiguration sozialer Räume im Globalisierungsprozeß”, *Berliner Journal für Soziologie*, Berlin, 8 (3), pp. 381-392.

Bourdieu, Pierre (1989), *Poder simbólico*, Lisboa, Difel.

- Cardoso, Aduino Lucio & Aragão, Thêmis Amorim (2013), “Do fim do BNH ao programa minha casa minha vida”, em: Cardoso, Aduino Lucio -coord.-, *O Programa Minha Casa Minha Vida e seus efeitos territoriais*, Rio de Janeiro, Letra Capital.
- Chamboredon, Jean Claude & Lemaire, Madeleine (1976), “Proximité spatiale et distance sociale: les grands ensembles et leur peuplement”, *Revue Française de Sociologie*, n. XI-1, pp. 3-33. DOI: <https://doi.org/10.2307/3320131>
- Corrêa, Roberto Lobato (1989), *O espaço urbano*, São Paulo, Ática.
- Caldeira, Teresa do Rio (2000), *Cidade de Muros: Crime, Segregação e Cidadania em São Paulo*, São Paulo, Editora 34 / Edusp.
- Calixto, Maria Jose Martinelli Silva & Redón, Sergio Moreno -coords.- (2021) . *O Programa Minha Casa Minha Vida (PMCMV) e seus desdobramentos socioespaciais. Os novos vetores da produção do espaço em cidades médias brasileiras*, Porto Alegre, Totalbooks.
- Calixto, Maria Jose Martinelli Silva; de Souza, Marcus Vinícius Mariano & Redón, Sergio Moreno (2023), “O papel da legislação no processo de reconfiguração da periferia urbana em cidades médias brasileiras”, *Confins [online]*, n. 61. DOI: <https://doi.org/10.4000/confins.55438>
- Capron, Guénola (2006), *Quand la ville se ferme : quartiers résidentiels sécurisés*, Paris, Bréal.
- Capron, Guénola (2012), “Auto-ségrégation résidentielle et ordre urbain chez les classes moyenne et supérieure à Mexico : une question d’échelle?”, *L’Espace Politique. Revue en ligne de géographie et de géopolitique*, n. 17, pp. 1-16. DOI: <https://doi.org/10.4000/espacepolitique.2346>
- Castells, Manuel (1972), *La question urbaine*, Paris, Maspero.
- Castoriadis, Cornelius (2004), *As encruzilhadas do labirinto VI – figuras do pensável*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.
- Castoriadis, Cornelius (2010), *A instituição imaginária da sociedade*, Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- Cattaruzza, Amaël (2010), “Fragmentation: cloisonnement et/ou recomposition de l’espace politique?”, *L’Espace Politique*, Paris, n. 11, pp. 1-8. DOI: <https://doi.org/10.4000/espacepolitique.1693>
- Cordovil, Fábíola Castelo de Souza & Rodrigues, Ana Lúcia (2012), “Segregação socioespacial e a negligência ao patrimônio construído: legado dos projetos e práticas do

- poder público municipal em Maringá – PR”, *Scripta Nova*, Barcelona, vol. XVI, n. 418 (41).
- Donzelot, Jacques (1998), “La ville éclatée”, em: Cohen, Daniel et al. -coords.-, *France: les révolutions invisibles*, Paris, Calmann-Lévy.
- Donzelot, Jacques (1999), “La nouvelle question urbaine”, *Esprit*. v. 258, n. 11, pp. 87-114.
- Döring, Jörg, & Thielmann, Tristan (2008), *Spatial turn: Das Raumparadigma in den Kultur - und Sozialwissenschaften*, Bielefeld, Transcript. DOI: <http://dx.doi.org/10.7788/ha.2009.17.2.290>
- Duhau, Emilio & Giglia, Angela (2016), “El orden metropolitano contemporáneo: entre la fragmentación y la interdependencia” *Metrópoli espacio público y consumo*. México, Fondo de Cultura Económica, 27-62.
- Endlich, Angela Maria (2006), *Pensando os papéis e significados das cidades pequenas no Noroeste do Paraná*, Doutorado em Geografia, Universidade Estadual Paulista.
- Ferreira, Heloisa Mariz & Silva, William Riveiro (2024), “Novos contextos e dinâmicas socioespaciais dos shopping centers no Brasil: o caso do Oeste Metropolitano do Rio de Janeiro”, *Ikara. Revista de Geografias iberoamericanas*, v. 4, pp. 1-16. DOI: <https://doi.org/10.18239/ikara.3469>
- Frey, Klaus & Duarte, Fabio, (2004), “L’auto-ségrégation: quand les gens disent non à la ville”, *Cosmopolitiques*, n. 7, pp. 58-67.
- Góes, Eda Maria; Sposito, Maria Encarnação Beltrão; Milani, Patricia Helena; Catalão, Igor de Franca.; Magrini, Maria Angelica de Oliveira; dos Santos, Rafael Roxo & de Souza, Marcus Vinicius Mariano (2022), “Entrevistas com cidadãos: perspectivas para análise das práticas espaciais sob a lógica fragmentária”, em: Góes, Eda Maria & Melazzo, Everaldo Santos -coords.-, *Metodologia de pesquisa em estudos urbanos: procedimentos, instrumentos e operacionalização*, Rio de Janeiro, Editora Consequência, pp. 71-121.
- Góes, Eda Maria & Melazzo, Everaldo Santos -coord.-, (2022), *Metodologia de pesquisa em estudos urbanos: procedimentos, instrumentos e operacionalização*, Rio de Janeiro, Editora Consequência.
- Lefebvre, Henri (1970), *La révolution urbaine*, Paris, Galimard.
- Lefebvre, Henri (1974), *La production de l’espace*, Paris, Anthropos.
- Legroux, Jean (2021), “A lógica urbana fragmentária: delimitar o conceito de fragmentação socioespacial”, *Caminhos de Geografia*, v. 22, p. 235-248. DOI: <https://doi.org/10.14393/RCG228155499>

- Löw, Martina (2013), “O spatial turn: para uma sociologia do espaço”, *Tempo social*, v. 25, n.2. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-20702013000200002>
- Lussault, Michel (2003a), “Pratique spatiale”, Lévy, Jacques; Lussault, Michel -coords.- *Dictionnaire de la géographie et de l'espace des sociétés*, Paris: Belin, p. 741-742.
- Maffesoli, Michel (2008), “Michel Maffesoli: o imaginário é uma realidade”, *Revista FAMECOS*, 8(15), 74–82. DOI: <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2001.15.3123>
- Magrini, Maria Angelica de Oliveira (2013), *Vidas em enclaves: imaginário das cidades inseguras e fragmentação socioespacial em contextos não metropolitanos*. Presidente Prudente, Doutorado em Geografia, Universidade Estadual Paulista.
- Mattos, Carlos Antonio de (2002), “Transformación de las ciudades latinoamericanas: ¿impactos de la globalización?”, *EURE*, v. 28, n. 85, p. 5-10. DOI: <http://dx.doi.org/10.4067/S0250-71612002008500001>
- Melazzo, Everaldo Santos (2016), “O Programa Minha Casa Minha Vida no Estado do Rio Grande do Norte. Cinco conclusões possível e cinco questões para a continuidade da investigação”, *Formação*, 1(23). DOI: <https://doi.org/10.33081/formacao.v1i23.3595>
- Monclús, Francisco Javier (1998), “Suburbanización y nuevas periferias. Perspectivas geográfico-urbanísticas”, em: Monclús, Francisco Javier -coord.-, *La ciudad dispersa, Suburbanización y nuevas periferias*, Barcelona, CCCB, 5-15. Disponível em: <http://archivouel.tripod.com/dispersa.pdf> (Acesso em: 05 nov. 2020).
- Pereira, Cláudio Smalley Soares (2024), “Conceitos fundamentais em Geografia: práticas espaciais”, *GEOgraphia*, Niterói, v.26, pp. 1 -7.
- Pinson, Gilles (2020), *La ville néolibérale*, Paris, Presses Universitaires de France.
- Prévôt-Schapira, Marie-France (2000), “Segregación, fragmentación, secesión. Hacia una nueva geografía social en la aglomeración de Buenos Aires”, *Economía, Sociedad y Territorio*, vol. II, n. 7, pp. 405-431. DOI: <https://doi.org/10.22136/est002000437>
- Prévôt-Schapira, Marie-France (2001), “Fragmentación espacial y social: conceptos y realidades”, *Perfiles Latinoamericanos*, Mexico, v.9, nº 19, dez, 2001, p.33-56.
- Prévôt-Schapira, Marie-France & Pineda, Rodrigo Cattaneo (2008), “Buenos Aires: la fragmentación en los intersticios de una sociedad polarizada”, *EURE*, XXXIV, n. 103, pp. 73-92. DOI: <https://doi.org/10.4067/S0250-71612008000300004>
- Sabatini, Francisco, Cáceres, Gonzalo, Cerda, Jorge (2001), “Segregación residencial en las principales ciudades chilenas: Tendencias de las tres últimas décadas y posibles cursos

- de acción”, *EURE*, v. XXVIII, n. 82, pp. 21–42, dez. DOI: <https://doi.org/10.4067/S0250-71612001008200002>
- Santos, Milton (1990), *Metrópole corporativa fragmentada. O caso de São Paulo*, São Paulo, Nobel.
- Silva, Armando (2002), *Imaginários Urbanos*, São Paulo, Perspectivas.
- Silva, Victoria Aparecida Batista da (2022), *10 anos do Programa Minha Casa Minha Vida e as mudanças e permanências socioespaciais: caso de Ribeirão Preto*, Presidente Prudente, Mestrado em Geografia, Universidade Estadual Paulista.
- Smith, Neil (2002), “New globalism, new urbanism: gentrification as global urban strategy”, *Antipode*, v. 34, n. 3, p. 427-450. DOI: <https://doi.org/10.1111/1467-8330.00249>.
- Soja, Edward William (1985), “The Spatiality of Social Life: Towards a Transformative Rethorisation”, em: Gregory, Derek & Urry, John -coords.-, *Social Relations and Spatial Structures. Critical Human Geography*, Londres, Macmillan, pp. 90-126, DOI: [https://doi.org/10.1007/978-1-349-27935-7\\_6](https://doi.org/10.1007/978-1-349-27935-7_6).
- Soja, Edward William (1988), *Thirdspace: Journeys to Los Angeles and other Real-and-Imagined Places*, Nova Jersey, Wiley-Blackwell. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1745-7939.1998.tb02079.x>.
- Soja, Edward William (1989), *Postmodern geographies: the reassertion of space in critical Social theory*, Londres, Verso.
- Souza, Marcelo Lopes de (2008), *Fobópole: o medo generalizado e a militarização da questão urbana*, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil.
- Souza, Marcelo Lopes de (2013), *Conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil.
- Sposito, Eliseu Savéiro & Sposito, Maria Encarnação Beltrão (2020), “Socioespacial fragmentation”, *Mercator*, Fortaleza, v. 19, p. 1-12. DOI: <https://doi.org/10.4215/rm2020.e19015>
- Sposito, Maria Encarnação Beltrão & Góes, Eda Maria (2013), *Espaços fechados e cidades: insegurança urbana e fragmentação socioespacial*, São Paulo, Editora da Unesp.
- Sposito, Maria Encarnação Beltrão & Góes, Eda Maria (2022), “Práticas espaciais”, em: Sposito, Maria Encarnação Beltrão & Sposito, Eliseu Savéiro –coords.-, *A construção de uma pesquisa em Ciências Humanas*, Rio de Janeiro, Consequência, pp. 91-106.

- Sposito, Maria Encarnação Beltrão (2013), “Segregação socioespacial e centralidade urbana”, em: Vasconcelos, Pedro de Almeida, Corrêa, Roberto Lobato & Pintaudi, Silvana Maria -coords.-, *A Cidade Contemporânea: Segregação Espacial*, São Paulo, Contexto.
- Stock, Mathis (2015), “Spatial practices, theoretical implications”, *EspacesTemps*, Disponível em: <https://www.espacestemp.net/articles/spatial-practices-theoretical-implications/>, (Acesso em: 2 set. 2022).
- Vidal, Laurent (1995), “Les mots de la ville au Brésil. Un exemple: la notion de ‘fragmentation’”, *Cahiers des Amériques latine*, n. 18, pp. 161-181.
- Villechaise, Agnès (1999), “La banlieue sans qualités. Absence d’indentité collective dans les grands ensembles”, *Revue Française de Sociologie*, v. 38, pp. 351-374. DOI: <https://doi.org/10.2307/3322937>
- Wacquant, Loïc (2006), “A estigmatização territorial na idade da marginalidade avançada”, *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Porto, Portugal, vol. 16, pp. 27-39.